

III MARCHA DA PERIFERIA¹:

ativismos político-culturais contra a criminalização da juventude pobre e negra

Maria Aparecida dos Santos

UFC/Ceará/Brasil

Palavras-chave: marcha, periferia, juventude

A Praça da Cruz Grande na Serrinha em Fortaleza é um marco referencial de concentração de movimentos sociais de juventude das periferias. Em junho de 2013, foi ponto de partida de uma manifestação das “Jornadas de Junho” rumo ao Castelão², no protesto contra os gastos realizados para a Copa das Confederações e desapropriações de famílias, em razão da construção do VLT (Veículo Leve sobre Trilhos). Nessa ocasião, moradores sofreram violência policial e invasão ilegal de domicílio. Logo após o episódio, houve um “tribunal popular da juventude” para debater os fatos ocorridos durante o evento e uma audiência pública, ambos ocorridos na Praça, com a participação de moradores, lideranças locais e advogados populares do Escritório Frei Tito, de defesa dos direitos humanos da Assembleia Legislativa do Estado, bem como a presença do vereador pelo PSOL, João Alfredo. Recorrentemente, a praça se constitui como palco para todo tipo de evento político e cultural, promovido por movimentos sociais de juventude como o Movimento Ensaio Rock³, o MH2O (Movimento Hip Hop Organizado)⁴, Caravana da Periferia⁵ e Ocupe UECE⁶, bem como por diversos outros de atuação em outros bairros da cidade.

¹ Trabalho apresentado na 30ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2016, João Pessoa – PB.

² Estádio de futebol onde se realizava a partida Brasil x México pela Copa das Confederações em 2013.

³ Movimento político e cultural de fomento à cena roqueira no bairro da Serrinha. Promove festivais e saraus para dar visibilidade aos talentos locais e de outras periferias da cidade de Fortaleza.

⁴ O MH2O faz um trabalho social com jovens da periferia através do rap, do break e do grafite. Em parceria com o Levante Popular da Juventude e a Consulta Popular, mobilizam a juventude do bairro da Serrinha para “fortalecer o poder popular em diversas frentes de luta”.

⁵ A Caravana da periferia é uma frente que articula redes de diversos movimentos sociais, partidos políticos, activismos e coletivos, com a intenção de mobilizar a cidade com o objetivo de discutir a violência e criminalização das juventudes negras e pobres. A sua principal tática organizativa é o núcleo por bairro, visando as especificidades locais da ação do Estado e as demandas por políticas públicas de

A criminalização e extermínio da juventude pobre da Serrinha é um dos temas de debate mais recorrentes na comunidade, inclusive muitos dos coletivos que frequentam e atuam na Praça têm forte vinculação com a “Caravana da Periferia”, frente de movimentos sociais organizados, partidos, ativistas e coletivos político-culturais reunidos a partir de 2010 em Fortaleza, com o fito de chamar atenção para a temática da violência sofrida pelos segmentos juvenis em razão da capilaridade do tráfico de drogas e armas que está fortemente incrustado na região. Campanhas pelo direito à cidade, ao lazer, à cultura, à educação de qualidade e à profissionalização fazem parte do repertório de reivindicações do movimento, bem como as denúncias de desaparecimento dos campos de futebol e da degradação de espaços públicos como praças e lagoas. Outras preocupações são o crescimento demográfico da Serrinha, a edificação de construções por imobiliárias, a expansão acelerada de serviços, o que segundo muitos dos ativistas, podem acarretar expulsão de famílias e a metamorfose do bairro.

Precisamos unificar nossa luta contra o extermínio da juventude pobre e negra. Nossa periferia é um barril de pólvora jogada pelo Estado, ou seja, é pobre matando pobre, e alguns porra loucas só discurso e bate cabeça...enquanto a policia matar e o trafico da a regra para as comunidades, vamos para além do culturalismos,organizarmos na pauta real e termos ganho de base nas banda, grupos,movimentos,sindicatos e partidos,retomando a campanha da frente da caravana da periferia...estamos juntos,e compreender o ensaio rock como uma ferramenta de mobilização e transformação política é o desafio... (militante do Movimento Ensaio Rock e Caravana da Periferia em entrevista realizada em abril de 2016.)

Há também um esforço em promover atividades sistemáticas na Praça e debater o papel das mídias no reforço da imagem negativa sobre o bairro, a redução da maioridade penal⁷, a desmilitarização da polícia⁸, a afirmação da negritude e o combate

um modo geral. Em Fortaleza, foi criada desde meados de 2011 e já conta com núcleos nos bairros da Serrinha, Barroso e Parque Água Fria.

⁶ Movimento de ocupação dos espaços da Universidade Estadual do Ceará (UECE), como quadras poliesportivas, espaço cultural, biblioteca e laboratórios de informática, como forma de acesso dos jovens da Serrinha ao espaço universitário.

⁷ A Caravana da Periferia participa da Campanha contra a redução da maioridade penal. Alguns dos seus militantes são educadores sociais e mantêm vínculos com defensores dos direitos humanos no Ceará. Há projetos de emenda constitucional, a exemplo da PEC 171, em tramitação no Congresso Nacional, que buscam reduzir a maioridade penal para 16 anos, nos casos de crimes hediondos como estupros, latrocínios, homicídios dolosos e lesão corporal seguida de morte. A referida PEC foi aprovada na Câmara dos Deputados em agosto de 2015 e seguiu para apreciação no Senado. Fonte: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2015-08/camara-aprova-em-segundo-turno-pec-que-reduz-maioridade-penal>.

⁸ Ativistas dos movimentos sociais da Serrinha também participam da campanha a favor da desmilitarização da polícia. A proposta de desmilitarização consiste na mudança da Constituição, por

ao crack, e também, a promoção de saraus, marchas, caminhadas, oficinas de formação política, festivais de música, rodas de break, capoeira, quadras do funk e audiências públicas, além do ciberativismo nas redes sociais.

Em novembro de 2015, a Praça da Cruz na Serrinha foi escolhida como lócus da III Marcha da Periferia, organizada pelo PSTU, CSP/CONLUTAS e vários sindicatos, associações e coletivos culturais, tendo como motes, a celebração do Dia da Consciência Negra e a denúncia da Chacina do Curió⁹, ocorrida poucos dias antes.

**20 de novembro, Dia da Consciência Negra¹⁰,
Concentração na Praça da Cruz Grande, Serrinha, 16:30 hs**

Desço do ônibus Parangaba/Messejana, atravesso a Avenida Silas Monguba/Dedé Brasil e me deparo com a praça apinhada de gente. Na margem esquerda, há um carro de som do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil e um caminhão em forma de trio elétrico. No centro do anfiteatro, há algumas dezenas de jovens empunhando faixas e cartazes alusivos à chacina do Curió/Lagoa Redonda/São Miguel, à desmilitarização da polícia e à celebração do dia da consciência negra. E bem à direita, na Praça, a SEUMA (Secretaria Municipal do Urbanismo e Meio Ambiente) faz a poda e corte de algumas árvores. A cada minuto mais coletivos culturais, representações de movimentos sociais, sindicatos e associações, vinculados ao PSTU (Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados) e ao PSOL (Partido Socialismo e Liberdade) chegam para compor a marcha que sairá dali à uma hora. Estiveram presentes na Marcha participantes de movimentos sociais (Movimento Hip Hop Nós por Nós, MML – Movimento Mulheres em Luta, Movimento Voz e Vez, RUA - Juventude Anticapitalista), sindicatos e associações (CSP-CONLUTAS, Anel - Assembleia Nacional dos Estudantes – Livre, Sindicato dos Rodoviários de Fortaleza, Sindicato dos

meio de Emenda Constitucional, de forma que polícias Militar e Civil constituam um único grupo policial, e que todo ele tenha uma formação civil e não militarizada.

⁹ Doze homicídios foram registrados nos bairros Lagoa Redonda, Curió e na Comunidade São Miguel, em Fortaleza. Todas as mortes ocorreram entre a noite de quarta-feira (11 de novembro) e madrugada de quinta-feira. Moradores das localidades acreditavam em retaliação pela morte do policial militar Charles Serpa. E investigações posteriores, demonstraram com provas cabais, a participação efetiva de 36 policiais militares na Chacina do Curió.

¹⁰ Ativistas negros reunidos em congresso do Movimento Negro Unificado contra a Discriminação Racial cunharam o 20 de novembro como Dia da Consciência Negra. Em 1978, era dado o passo que tornaria Zumbi dos Palmares um herói nacional, vinculado diretamente à resistência do povo negro. Fonte: http://www.planalto.gov.br/seppir/20_novembro/apres.htm.

Trabalhadores da Construção Civil, Sindicato dos Trabalhadores e trabalhadoras da Confeção Feminina, AVETI – Associação Velho Timbó), setoriais de partidos (Secretaria de Negros e Negras do PSTU, Setorial de Negros do PSOL) e coletivos culturais (Conexão Gangstar Caucaia, CriaDeRua, Impacto Feminino, Quilombo Raça e Classe e Apologia do Gueto).

Encontro alguns militantes da Frente “Caravana da Periferia” e os questiono a respeito da razão de outra marcha marcada para o dia posterior com os mesmos propósitos no Jangurussu. E eles me dizem: “Houve uma cisão entre o PSTU e o MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem Teto), dentro da Caravana da Periferia. Era um dissenso que já vinha desde a primeira Marcha em 2013, mas estamos aqui para contribuir da mesma forma.”¹¹ No dia 21 de novembro, foi realizada a III Caravana da Periferia, com o tema “Paz na periferia: contra o extermínio da juventude pobre e negra”. A concentração do ato ocorreu, a partir das 16 horas, no CUCA Jangurussu. De lá, saíram em caminhada com cartazes e palavras de ordem contra a violência que vitima as juventudes pobres e negras na cidade de Fortaleza. A atividade já vinha sendo organizada antes dos casos extermínio de jovens em bairros da periferia de Fortaleza que aconteceram nos dias 11 e 12 de novembro na Grande Messejana. Participaram da Caravana, o MTST, RUA – juventude anticapitalista, Pastoral da Juventude, Marcha das Mulheres Negras, Associação de moradores do São Cristóvão, Associação de moradores do Sítio São João, Coletivo Socioambiental do Jangurussu, Comitê pela desmilitarização da polícia e da política, Ensaio Rock, Jovens Agentes da Paz, Setorial de negros e negras do PSOL, CDVHS, Kizomba, Levante Popular da Juventude, entre outros movimentos.

A Marcha da Periferia ocorre em várias cidades e começou em São Luiz do Maranhão-MA, convocado pelo Movimento Hip-Hop Quilombo Urbano e enraizou-se em várias outras cidades via Quilombo Brasil. Em Fortaleza o chamado está sendo feito por várias organizações do Movimento Negro, popular, cultural como Pró-Movimento Hip-Hop Nós por Nós, Secretaria de Negros e Negras PSTU, Quilombo Raça & Classe-CSP Conlutas e Caravana da Periferia. A III Marcha da Periferia – Fortaleza, contra o

¹¹ O dissenso tem relação com o apoio do MTST à reeleição da Presidenta Dilma Rouseff no 2º. Turno das eleições de 2014, à disputa pela base social nos bairros da periferia, aos posicionamentos políticos divergentes em relação ao cenário político e encaminhamentos práticos da luta política. De um lado, PSTU com braço na CSP-CONLUTAS defendendo o “Fora Todos” e a construção do terceiro campo na luta política. De outro, MTST, CUT, MST e outras entidades construindo a Frente Povo Sem Medo – FPSM. A divergência local reflete muito o campo nacional de disputa.

extermínio da juventude negra, teve ampla divulgação nas redes sociais (Facebook, Twitter e Whatsapp) e homenageou dessa vez, Zumbi e Dandara¹². Vários grupos de rap como “Apologia do crime”, “Natureza Humana”, “Raciocínio Cotidiano”, “Impacto Feminino” (feminista e só composto por mulheres), se apresentaram no trio elétrico, intercalando com as falas de sindicalistas, militantes de movimentos sociais, partidos políticos e coletivos culturais. Além do discurso de valorização das *periferias* e das expressões artísticas da juventude negra, através dos *quilombos culturais de resistência*, houve a recorrência a uma imagem poderosa: a do “holocausto cotidiano” da violência policial, que faz “jorrar sangue no asfalto” e faz das periferias, “campos de extermínio”. De punhos esquerdos erguidos para cima, várias palavras de ordem foram proferidas e vários nomes de bairros periféricos de Fortaleza eram lembrados como os lugares dos “sobreviventes da guerra urbana”. Fez-se um minuto de silêncio. Alguns momentos de catarse foram vivenciados, quando jovens vestindo camisetas com fotos dos assassinados na “Chacina do Curió”, deram seus testemunhos a respeito da vida dos que se foram. Um deles vaticinou: “nossas lágrimas molham as calçadas onde foram mortos nossos irmãos”. E outro: “há terrorismo em Fortaleza e os planejadores estão de terno e gravata”. O último leu os nomes dos jovens assassinados e a cada vez, a plateia gritava: presente! E o do microfone: até quando? Todos: sempre! Ao final, um jovem encapuzado, mostra um cartaz com o seguinte enunciado: “Por que o senhor atirou em mim?”, em alusão ao assassinato de Douglas Rodrigues, 17 anos, pela PM paulista em outubro de 2013.

Logo em seguida, uma ativista do movimento de mulheres negras, anuncia: “Não queremos ser senzala. Queremos ser quilombo.” E pede um salve às mães das periferias. Há uma profusão de aplausos. Um militante do PSTU solicita que todos levantem suas bandeiras e pede que sejam presos todos os socioeducadores envolvidos em torturas de adolescentes no sistema socioeducativo estadual (internação). Pede também o fim da Polícia Militar, dizendo que é a “polícia que mais mata no mundo”.

Jovens pintados com motivos africanos carregam bandeiras com cores associadas à bandeira da Etiópia e ao movimento rastafári e militantes do Movimento Quilombo Raça e Classe e do Movimento de Negros e Negras do PSOL, distribuem jornais,

¹² “Guerreira do período colonial do Brasil, Dandara foi esposa de Zumbi, líder daquele que foi o maior quilombo das Américas: o Quilombo dos Palmares. Com ele, Dandara teve três filhos: Motumbo, Harmódio e Aristogíton. Valente, ela foi uma das lideranças femininas negras que lutou contra o sistema escravocrata do século XVII e auxiliou Zumbi quanto às estratégias e planos de ataque e defesa da quilombo.” Disponível em: <http://www.palmares.gov.br>.

adesivos e panfletos. Havia várias câmeras filmando e fotografando o evento, tanto de uma TV local (Diário), quanto dos próprios militantes presentes. Não havia policiais na praça, o que me causou alguma surpresa, já que diuturnamente há baculejos e pequenos assaltos nas adjacências e as presenças do “Raio” e do “Ronda” são uma constante.

Os grupos organizadores das marchas e dos cortejos são filiados a partidos políticos de esquerda, ou participantes de movimentos sociais anticapitalistas, com orientações socialistas, comunistas ou anarquistas construídos contextualmente em cada ação e em rede, visam enfrentar o processo de “descivilização”, dos jovens colhidos pela violência. Afirmam, não só a vitimização dos jovens como constróem um discurso de valorização de seus estilos de vida, dos gostos, das formas de comunicação, ou seja, de um ethos jovem da periferia, mesmo elaborando a crítica sobre a sociedade do consumo expressa nos rolezinhos aos shoppings e à falta de interesse pela política como forma de linguagem mobilizadora.

Figura 1: Grupo de Rap Raciocínio Cotidiano na Praça da Cruz Grande, 20 de Novembro de 2015. Foto do acervo pessoal.



17: 45 hs. Saída da marcha

Cerca de 500 pessoas, a maioria de jovens entre 13 e 29 anos, saiu da concentração na Praça da Cruz Grande e seguiu caminhando da Avenida Silas Monguba/Dedé Brasil até a Igrejinha/Praça da Parangaba, fechando completamente uma das vias da avenida. A Marcha seguia lentamente e causou congestionamento de veículos ao longo do percurso. Efetuaram-se duas paradas: uma em frente à UECE (Universidade Estadual do Ceará) e outra em frente ao shopping/terminal da Parangaba. Na parada da UECE, militantes com um megafone cobraram que a Universidade não permaneça silenciosa diante da violência nas periferias e que não exclua a juventude pobre do acesso à educação superior. Já em frente ao Terminal da Parangaba, a militância convoca a população para um “diálogo”, exigindo o não aumento das tarifas do transporte público. Alguns manifestantes se chocam com o cordão de isolamento feito pelos guardas municipais que os impedem de entrar sem pagar no terminal.

Durante todo o trajeto, tambores feitos de latas, apitos e megafones, deram o tom da marcha. Discursos inflamados, palavras de ordem e músicas “de protesto” ou celebrativas do “Novembro Negro” foram enunciados, tais como “Fora Cunha”, “Palmares resiste”, “A favela pede paz”, “nós somos guerreiras, herdeiras de Dandara”, “não acabou, tem que acabar, eu quero o fim da Polícia Militar”, “Governo fascista, polícia terrorista”. Em um determinado momento, uma bandeira brasileira em preto e vermelho, é aberta e uma militante do alto do carro elétrico, grita: “É o Brasil no mar de sangue. A periferia tá unificada em prol do gueto”. Chegando na Pracinha da Parangaba, o carro de som anuncia para o dia 28 de novembro, o evento “Baile Zumbi e Dandara Somos Nós”. Os manifestantes se dispersam e o trio elétrico se retira às 19 horas.

Figura 02: III Marcha da Periferia. Defronte ao Terminal da Parangaba.
20 de novembro de 2015. Foto do acervo pessoal.



Durante a Marcha, diferentes estratégias rituais foram acionadas para construir a luta simbólica de enfrentamento da violência policial sobre as periferias. A autoridade que funda a eficácia performativa do discurso é aquela que cria o consenso sobre o sentido do mundo social, que unifica todos os atos de nomeação, no intuito de compor um “programa de percepção” (BOURDIEU, 1996). Os militantes não só dispunham de um capital simbólico acumulado ao longo das lutas travadas anteriormente, como projetavam sua autoridade, no sentido de conduzir o sentido dos agenciamentos futuros. A força ilocucionária das expressões utilizadas durante todo o trajeto da marcha deixava claro não só o reconhecimento dos conteúdos proferidos, como dos instrumentos legítimos de expressão. Os porta-vozes da indignação, nas suas maneiras de falar, na sua corporalidade, nos discursos pronunciados, apresentavam todo o simbolismo necessário para alimentar a crença na resistência contra poderes opressores: o Estado, a polícia, a imprensa sensacionalista. A agência sobre a representação do real, buscando uma alternativa às narrativas dominantes é uma forma de não só refutar as imagens sobre as periferias e seus jovens, como é uma forma de acusar publicamente as forças opressoras. A instituição de identificações positivas associadas à negritude, às periferias, às juventudes, são aspirações subjetivas que clamam por reconhecimento coletivo e maximização de um *lucro simbólico*, qual seja, a de que são forças sociais distintas, portadoras de uma diferença social transformadora da realidade. O discurso

performativo dos locutores na marcha buscou todo o tempo, categorizar, nomear, evocar, acusar, revelar, constranger. Nesse sentido, podemos afirmar que há um processo em curso, de objetivação de um mundo social, projetado pelos eventos rituais desse movimento, que ainda subterrâneo, já provoca alguns resultados práticos e se torna visível para a cidade, como a divulgação das marchas em jornais, TV, a aproximação de mais apoiadores e a forte repercussão do próprio evento “chacina”, considerada a maior já registrada em Fortaleza.

Esse processo de construção do mundo social, de um espaço compartilhado das diferenças, das práticas culturais não dominantes é a possibilidade real de se gerar uma esfera pública, de um lugar de fala para os corpos em movimento, que postulam reconhecimento, visibilidade e transformação da sua realidade. Dessa forma, tem-se a luta política, a guerra simbólica por legitimação da existência. Uma política da vida, que de acordo com FOUCAULT (1996), é a de não assujeitamento aos dispositivos e enunciados de poder maciçamente presentes na contemporaneidade. No embate cultural pela coexistência na cidade, antagonismos e afiliação são produzidos performativamente pelos diferentes agenciamentos, sempre em condições contingentes e contraditórias.

A marcha como sendo um momento de um amplo e longo “processo de formação de sujeitos que culmina na constituição de um sujeito moral” (GIANNOTTI, 2006), na emergência de um “jogo de verdade”, de um processo de integridade do real, tão refratário aos “jogos de linguagem” com status dominante, que resultados imprevisíveis, embaralham as condições de produção de “práticas de identificação” e forjam outra história narrativa dos acontecimentos ocorridos na periferia, outra compreensão comunicativa, ou seja, produz a diferença discursiva sobre o espaço público, as formas de conviver e ocupar um “espaço dominado reflexivamente” (GIANNOTTI, 2008).

A “percepção socialmente compartilhada” (SÁ, 2009) pelos jovens busca subverter processos de estigmatização não só dos referenciais da presença negra na nossa história, como valorizar expressões criativas como o rap, a capoeira, o reggae, o funk e o rock, a periferia com espaço de produção cultural, a política exercitada ritualmente e de forma “viral”, as forças policiais como alvo de condenação moral e eliminação do cotidiano da população, o questionamento das exclusões institucionais e das formas de acesso às políticas públicas. Nesse sentido, derrubar “fronteiras simbólicas” também serve como trampolim para construir outras formas simbólicas que justifiquem a experiência social dessas juventudes.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas**: o que falar quer dizer. Prefácio e Tradução Sérgio Miceli. São Paulo: EDUSP, 1996.
- CASTRO, Eduardo Viveiros de. **O nativo relativo**. Revista Mana 8(1), Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - PPGAS-Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, 2002.
- _____. **Filiação intensiva e aliança demoníaca**. Novos Estudos CEBRAP, no. 77, mar. 2007.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 2. Tradução Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. 1ª. Ed. São Paulo: Editora 34, 1995.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 5ª. Edição. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- GIANNOTTI, José Arthur. **Dois jogos de pensar**. Novos Estudos CEBRAP, No. 75, jul. 2006.
- _____. **A perda do mundo**. Novos Estudos CEBRAP, no. 82, nov. 2008.
- GOLDMAN, Márcio. **Alteridade e experiência**: antropologia e teoria etnográfica. Revista Etnográfica, vol. X(1), 2006.
- RANCIÈRE, Jacques. **O efeito de realidade e a política da ficção**. Trad. de Carolina Santos. Novos Estudos CEBRAP, no. 86, mar. 2010.
- SÁ, Leonardo Damasceno de. **Reflexões sobre o trabalho de campo como empreendimento micropolítico**. In: MENDONÇA FILHO, M., and NOBRE, MT., orgs. Política e afetividade: narrativas e trajetórias de pesquisa. Salvador: EDUFBA; São Cristóvão: EDUFES, 2009.